

Belém dos Imigrantes: espanhóis na capital paraense (1890-1920).

Aline de Kassia Malcher Lima, UFPA¹

Resumo

Este artigo busca abordar a relação entre os imigrantes espanhóis e a cidade de Belém a partir da intervenção destes no cotidiano da cidade. Desde a segunda metade do século XIX, o Pará passou a receber expressivos contingentes de imigrantes, entre os quais os espanhóis representam o segundo maior contingente de imigrantes que deram entrada no Estado. Alguns números indicam a presença de 16.000 espanhóis em Belém entre 1890 e 1916, assim surgindo a necessidade de se unirem na criação e manutenção de centros associativos, demonstrando uma intensa rede de sociabilidade e solidariedade com seus conterrâneos. Por fim, foi possível construir tendências de espacialidades destes imigrantes, que residiam e construíram suas redes de solidariedade em áreas ligadas as atividades comerciais nos bairros mais antigos da capital paraense.

Palavras-chaves: Imigrantes; Espanhóis; Cidade; Memória.

Abstract

This article seeks to address the relationship between Spanish immigrants and the city of Belém from their intervention in the daily life of the city. From the second half of the nineteenth century Pará began to receive significant contingents of immigrants, including the Spanish representing the second largest contingent of immigrants who entered the state, some figures indicate the presence of 16,000 Spaniards in Belém between 1890 and 1916, thus having to unite in the creation and maintenance of associative centers demonstrating an intense network of sociability and solidarity with their countrymen. It was possible to build spatial tendencies of these immigrants, sometimes they lived and built their solidarity networks in areas linked to commercial activities in the older neighborhoods of the capital of Pará.

Keywords: Immigrants; Spanish; City; Memory.

Introdução

Em 2018, nas ruas da capital paraense, ainda encontramos ressonância de processos históricos do início do século XX. Na Avenida Nazareth, uma das mais importantes de Belém dentro do centro da cidade, encontramos um prédio residencial como nome de Centro Galaico. Apenas o nome preserva no local as memórias de uma antiga associação de imigrantes espanhóis, fundada na década de 1900, e que perdurou até a segunda metade do século XX. A preservação do nome foi uma das condições estabelecidas entre os membros remanescentes da associação quando da venda do antigo prédio. Outra memória pública ainda presente em Belém fica na Avenida José Malcher, antiga São Jeronimo, tão importante quanto a Avenida Nazareth, ambas são artérias fundamentais da cidade. O prédio hoje abriga uma

¹ Graduada em História. Especialista em Relações étnico raciais para o ensino fundamental – Núcleo GERA/UFPA. Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA. Bolsista CNPq.

secretaria do município, e, alguns anos atrás, foi revitalizado para ser utilizado como um lugar de memória e educação, o Memorial dos Povos que fazia alusão à presença de imigrantes e migrantes no Pará.

A fachada do prédio ainda preserva as insígnias da associação e seu interior, é demarcado nas paredes pelas bandeiras das várias províncias espanholas. Estas transformações materiais da cidade são descritas por Carpintero e Cesaroli como camadas sobrepostas do tempo,² que reconfiguram a própria dinâmica social e econômica da cidade. A presença dos espanhóis em Belém ao longo do século XX foi gradativamente apagada. Hoje em dia, dificilmente localizamos com precisão onde ficava o Coliseu Paraense, local das famosas touradas de Belém no início do século passado.³ Pude constatar em pesquisa anterior por meio dos registros civis de casamentos, a presença significativa de imigrantes espanhóis residindo no bairro do Reduto, aqui pensado como um bairro operário. Desta maneira, o mercado também estabelecia demarcadores geográficos atrelados a dimensões étnicas e de trabalho.

Nesse cenário citadino de virada de século, as camadas enriquecidas por meio da borracha, defensoras da ideologia do progresso, transformaram a cidade de Belém num verdadeiro centro de consumo de produtos importados. Consumiam-se desde uma boa literatura estrangeira até a manteiga importada da Dinamarca ou então os últimos modelos do figurino parisiense. O refinamento dessa época encontrava-se espelhado na antiga Rua dos Mercadores (...).

O Coliseu Paraense, de propriedade de José Candido da Cunha Osório, entre outros acionistas, ficava à estrada Conselheiro Furtado, na Praça Batista Campos. A praça de touros oferecia aos frequentadores variados tipos de assentos, desde os camarotes de sombra até as arquibancadas localizadas à sombra ou ao sol, variando os preços conforme a localização, desde 20\$000 (vinte mil réis) até 2\$000 (dois mil réis).⁴

A urbanização de Belém, assim como em outras capitais do Brasil, esteve associada ao ideal de progresso tão em voga em fins do século XIX. É conceito chave para entender a noção de modernidade⁵ pela qual a cidade passava, a medida que a economia da borracha possibilitava o fluir da capital no Pará. Belém crescia exponencialmente, sendo um local

² CARPINTERO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne. Francia. A Cidade como história. *Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan/jun. 2009. ED. UFPR.

³ VIEIRA, David Durval Jesus. Sensibilidade (in)civilizada: poder público, animais de tração e touradas em Belém (1897-1911). *Revista Espacialidades*. 2014, v. 7, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17692> Acesso em: 2/02/2020.

⁴ SÁRGES, Maria de Nazaré. TEMPORADA TAUROMACHICA NO COLYSEU PARAENSE: migrantes galegos e práticas culturais em Belém (XIX/XX.). Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/download/1241294373_ARQUIVO_TEMPORADATAUROMACHICA-ANPUH.doc. Acessado em: 10/ 02/2020.

⁵ KOSELLEK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição semântico dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

propício à permanência dos imigrantes espanhóis, gerando novos “horizontes de expectativas”.

Embora o projeto do governo do Estado tenha sido promover a lavoura paraense com mão de obra europeia, boa parte dos espanhóis não permaneceram em seus assentamentos agrícolas reemigrando com o auxílio das associações mutualistas ou por conta própria, ou mesmo se estabelecendo na capital paraense.

A LA COLONIA ESPAÑOLA

Convidase a la colônia espanhola em general, para uma reunion que se realizará el día 27 del corriente, e las 2 2/1 de la tarde, em la sede social de la Union Espanola de Soccoros Mutuos, avenida de San Jeronimo n. 21 para la fundación de la Liga Espanola de Reparticion. Ruega-se el comparecimento de todos los espanoles, a quinenes se aticipan agradecimientos.

Belém del Pará, 22 de noviembre de 1921

- La comisión.⁶

Na mensagem do Governador Augusto Montenegro em 1902, é indicado que dos 12 mil imigrantes espanhóis que haviam sido introduzidos no Estado, apenas 1.800 permaneciam nas colônias agrícolas, agora emancipadas pelo governo paraense.⁷ O inspetor de imigração espanhola enviado ao Pará em 1912, Leopold D’ozouville, informava da decadência da colônia espanhola neste Estado: uma redução de 15 mil para aproximadamente 3 mil imigrantes, a maioria concentrada na cidade de Belém.⁸ De potenciais agricultores eles se transformaram em mão de obra operária, artistas, serventes, sapateiros, entre várias atividades urbanas de cunho manual.

A participação destes imigrantes em obras de infraestrutura no Brasil e em outros países do mundo atlântico produziu um mercado de agenciamento de mão de obra, os então denominados mercados de braços. Muitas vezes estes imigrantes se deparavam com condições adversas ao chegar ao local onde iriam trabalhar.

Em 1916, foi publicado um artigo escrito pelo Cônsul espanhol no Rio de Janeiro falando sobre a imigração ao Brasil. Ele criticava duramente a vinda de espanhóis para a região da Amazônia, onde enfrentariam um clima adverso além das doenças tropicais. O cônsul Román Ogarzun fez uma análise da situação destes imigrantes para a região.⁹ Das afirmações dele, destaca-se a questão da contratação de espanhóis por grandes empresas responsáveis pela construção de ferrovias e outras obras de infraestrutura.

⁶ O Estado do Pará, 27/11/1921, pag. 5. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁷ Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA), 1902; pp. 46-48. HDBN.

⁸ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Un Viaje al Brasil: Información acerca de La situación de los emigrados españoles em los Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. Madri, 1916, p. 86.

⁹ La Emigracion Española: Vida española en El extranjero. Revista quincenal de emigracion y colônias.

Román Ogarzun, embora não tivesse dados específicos, apontava que o número de espanhóis que morriam nas obras de construção da ferrovia Madeira-Mamoré eram elevados, além das condições precárias em que viviam. Em relação aos contratos com esta empresa Román fez advertências aos espanhóis que fizessem contratos de trabalho:

“Hay muchos compatriotas que han trabajado y trabajan aún a lãs ordenes de empresas constructoras de ferrocarriles que desde hace agún tiempo (uno o dos años), no pagan salários devenegados por sus operários; varias de dichas empresas ferroviárias están hoy em quiebra o em situacion que mucho se asemeja”.

Por todo quanto antecede, debían lós españoles que viene o intentan venir al Brasil, guardarse muy bien de realizar contrato alguno com lãs empresas constructores de ferrocarriles y demas obras de caráter similar, a no ser que lês fuesen ofrecidas toda classe de garantias serias. Sólidas y eficaces.¹⁰

Em janeiro de 1908 no porto de Belém, três imigrantes espanhóis lançaram-se na Baía do Guajará para fugir do navio em que fizeram a travessia de Havana (Cuba) até Belém. O fato ficou conhecido como “O caso do Vapor Amanda”, e revela uma rede de tráfico de espanhóis para áreas de trabalho de obras de infraestrutura nas Américas. Um fluxo contínuo de imigrantes que, agenciados pelas empresas responsáveis pelas obras, iam de um ponto a outro nas Américas.

Foi sob tal contexto das grandes obras de infraestrutura no Brasil que o vapor norueguês *Amanda* aportou em Belém, de onde deveria partir rumo a Porto Velho levando materiais e pessoas para trabalhar na construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Belém era a porta de entrada para o território amazônico, logo se constituía como porto de suma importância para o desenvolvimento da região.

O Vapor *Amanda* teria sido o primeiro a desembarcar com trabalhadores espanhóis rumo as obras da Ferrovia Madeira-Mamoré. Após o vapor *Amanda*, outros navios rumo a Porto Velho foram o navio *Salent*, que partiu do Panamá com 600 trabalhadores (09/05/1909), seguido pelo navio *Oteri*, também vindo do Panamá com mais 300 trabalhadores (10/10/1909), e o vapor *Honorions*, vindo da Argentina com 340 espanhóis.¹¹

Em 1908, vários jornais mencionaram a chegada do Vapor *Amanda* aos portos de Belém: “De Santiago de Cuba comunicam que o vapor Amanda partiu dali para o Brasil levando 500 trabalhadores, acrescentam que muitos adiaram viagem por falta de vapores”.¹² Percebe-se uma rede comercial na qual os imigrantes espanhóis estavam inseridos como força de trabalho. O surgimento dos navios a vapor para navegações transatlânticas possibilitou

¹⁰ Idem.

¹¹ Site Migraventura. Disponível em: <http://migraventura.org.mialias.net/sabias-que/barcos-emigrantes-espanoles-tierras-americanas> Acessado em: 9/04/2020.

¹² O Pharol, 26/03/1908. p. 1.

uma maior fluidez no trânsito de pessoas no mundo. Nesse sentido, Belém possuiu significativa importância para a entrada de mercadorias e mão de obra durante a segunda metade do século XIX e grande parte do século XX.



Fonte: Revista ilustrada “O Careta”, 1909.

A imagem acima, reproduzida no jornal *O Careta* em 11 de dezembro de 1909, lança-nos no ambiente portuário de Belém onde atracavam os vapores vindos da Europa. A vinda de grupos de imigrantes espanhóis ao Pará com o incentivo do governo do Estado possibilitou o surgimento de núcleos de espanhóis na cidade de Belém. Esta colônia foi representada por duas associações, o Centro Galaico Del Pará e a União Espanhola de Socorros Mútuos. Tais associações interviram no caso dos espanhóis trazidos pelo vapor *Amanda*, acolhendo cerca de 30 destes trabalhadores que se recusaram a seguir viagem até Porto Velho. Eles foram encaminhados à cidade do Rio de Janeiro por intermédio do Centro Galaico, do Pará e do Rio de Janeiro, evidenciando a articulação das associações mutualistas de imigrantes em diferentes capitais do Brasil.

Ao me valer do uso de registros de casamentos cívicos, coletados no arquivo do Centro de Memória da Amazônia e sistematizado em base de dados, e o uso de notas de jornais paraenses e publicações do consulado espanhol, foi possível tecer breves amarras da circulação destes sujeitos na cidade de Belém do Pará. Um cruzamento nominal dos sujeitos

tal qual apontado por Carlo Ginzburg,¹³ mesmo que cheio de desafios, permitem a adentrar no universo particular, na experiência individual a fim de compreendermos o contexto analisado.

Partindo de uma perspectiva social da imigração no início do período republicano, não busco simplesmente enquadrá-lo como sujeito/grupo responsável pela consolidação do modelo de trabalho livre no Brasil pós abolição. Textos como o de Silvia Lara, publicado em 1998, já foram apontados para as múltiplas dimensões da formação do trabalho livre no Brasil,¹⁴ demarcado por experiências híbridas entre a escravidão e formas compulsórias de trabalho, como os contratos de locação de serviços. Tomo aqui a noção de história social traçada por Eric Hobsbawm, quando este assinala esta perspectiva histórica associada não a uma história vista de baixo e sim a uma capacidade de construir uma análise que abarque múltiplas dimensões do processo histórico.¹⁵

Este trabalho tem por objetivo explorar uma das múltiplas dimensões da imigração espanhola no Pará, a sua relação com os espaços da cidade de Belém. De certo que para dar visibilidade a esta relação com a cidade é necessário entendemos outros aspectos ligados ao mundo do trabalho e aos projetos de modernização da capital paraense.

O morar na cidade de Belém: higienização e moral.

Em novembro de 1888, no jornal *Diário de Belém*, foi publicado um longo artigo sobre a proliferação de cortiços na cidade de Belém. Tais moradias foram apontadas como responsáveis diretas pela imoralidade e desordem social, tidos como uma peste para cidade e refúgio de toda a “libertinagem” promovida por vadios e facínoras. Segundo o articulista do *Diário de Belém*, seria então tarefa do chefe de polícia estabelecer um regulamento sobre hotéis e demais estabelecimentos caracterizados pela sua imoralidade:

Acresce que nesses verdadeiros lupanares da desordem campeã sempre; ai se premeditam e se cometem execrados crimes, em geral crimes de sangue. É nos cortiços que se geram as negras intenções, para a perpetração de atentados de toda a natureza e cujo resultado testemunhado por todos é a desordem no seio da sociedade. Afinal a peste das cidades tem a sua origem principal nesses focos de libertinagem e de intemperança, fator positivo dos grandes vícios, que deturpam a saúde dos ociosos e a felicidade da família. Eis ai os perigos e consequências dos cortiços, que tanto há entre nós infelizmente.

¹³ GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. p. 169- 178.

¹⁴ LARA, Silvia H. *Escravidão, Cidadania e História do Trabalho No Brasil*. Projeto História, São Paulo, v. 16, p. 25-38, 1998.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 87.

Sabemos que o zeloso senhor chefe de polícia do Rio de Janeiro está providenciando no sentido de cauterizar uma das chagas dessa província, regulamentando sobre cortiços e hotéis.

Entre nós o que se faz?

Não ganharia a nossa sociedade, si o honrado chefe de polícia desta província tomasse também providencias efetivas com relação aos cortiços ao menos?¹⁶

Ao término da escravidão em maio de 1888, coube ao Estado disciplinar esta população oriunda de antigas modalidades de trabalho, sejam livres ou escravos. Um dos exemplos foi o regulamento para o serviço doméstico da Capital paraense, aprovado em março de 1889.¹⁷ Outra dimensão a ser pensada foi a questão da moradia, mesmo que temporária. Como o artigo do *Diário de Notícias* acima demonstra, os cortiços e por vezes os hotéis, eram tidos como pardieiros, locais de conflitos e crimes.

O crescimento demográfico da população paraense, principalmente com o influxo de imigrantes que aportaram em Belém a partir da década de 1890, leva-nos a compreender estes espaços de moradia como espaços de mediação e interlocução cultural. O jornalista Juliano Lobato publicou um livro, em 1916, no qual relata suas visitas feitas juntamente com o inspetor sanitário de Belém aos hotéis e hospedarias. Quando adentraram o hotel *Leão de Ouro*, localizado na Rua Gaspar Vianna, de propriedade de José Martinez Sam Martim, vislumbraram tendo a impressão de ingressar “numa hospedaria de cidade retrograda”.¹⁸

O salão principal possuía um esteio no meio do qual partia uma ponta de rede integrada ao outro extremo, cerca de 10 redes armadas em volta deste esteio deram o formato de chapéu ao salão. No chão do mesmo havia vestígios de cuspe e escarro, que segundo o jornalista era um dos principais meios de transmissão da tuberculose. Além disso os banheiros foram considerados anti-higiênicos.

O proprietário do hotel acima descrito, José Martinez Sam Martim, era um dos membros da *Sociedade Hespanhola de Socorros Mútuos* desfeita em 1905.¹⁹ Alguns anos depois em 1917, José Martinez Sam Martin surgiu novamente envolvido em uma briga:

Jose Martinez San Martin, morador a rua da indústria, 58 levou ontem queixa à polícia contra Alfredo de tal, empregado do Hotel Nova Esperança, o qual, ás 8 horas da manhã, o agrediu a murros, fazendo-lhe diversas contusões no rosto.

¹⁶ Os Cortiços. *Diário de Belém*, 06/11/1888, p. 1.

¹⁷ LOBO, Marcelo. “quanto se dá aqui para o balde?”: as discussões sobre a regulamentação do serviço doméstico em Belém (1888-1889). *Revista História, Histórias*. Brasília, vol. 4, n. 8, 2016.

¹⁸ LOBATO, Juliano. *Notas de um Repórter: A vida de um repórter; reportagens nos hotéis e padarias de Belém*. Typ. F. Flores; Rua Paes de Carvalho, Belém - Pará – 1916.

¹⁹ Autos de Manutenção de Posse, 1905. Juízo de direito da 2ª Vara da capital, caixa 17; pasta 02. Arquivo Publico do Estado do Pará.

Martinez foi submetido a exame de corpo de delito.²⁰

Na mesma rua, localizava-se o hotel *Luz de Belém*, de propriedade da firma Jose Iglezias & Cia. Tido pelo jornalista como um “inferno sem luz”:

Na entrada a fedentina sufoca. Depois da primeira sala há um compartimento onde permaneciam várias redes atadas, numa das quais esperneava uma criaturinha filha de flagelados, de uns 2 anos e que, naturalmente, reclamava a presença de sua mãe. Junto a rede desta criança estava armada uma outra, bastante encardida e suja.²¹

As condições de higiene dos hotéis permitiram a proliferação de doenças como a febre amarela, tuberculose, além das péssimas condições de alojamento. Contudo, a grande circulação de estrangeiros e migrantes cearenses, diante do dinamismo da economia da borracha, potencializava o surgimento desses espaços. Os imigrantes espanhóis que tiveram algum suporte souberam se valer deste “mercado” e tornaram-se comerciantes na Belém de 1900.

José Paris Villar com 41 anos de idade foi testemunha em 1915 no casamento de Celestino Rodrigues Varella e Maria Gonzalez, ambos moradores na rua do Bailique. Outra testemunha do mesmo consórcio foi o Consul da Espanha no Pará Frederico Pastor. Esse breve registro remonta as redes de solidariedade horizontais tecidas entre imigrantes espanhóis em Belém. Em 1912, José Paris Villar, proprietário do *Hotel Oriental* na rua da Industria n° 62 (que depois passou a se chamar Rua Gaspar Vianna), foi agredido pelo catraieiro Joaquim Manoel Vieira no cais do *Port Of Pará* por motivos frívolos.²² Ele também foi um dos proprietários de hotéis que teve sua hospedagem fiscalizada em 1916 pelo jornalista Fabiliano Lobato.

Em 1916, José Paris Villar era dono do *Hotel Familiar*, localizado na Rua Gaspar Vianna n° 50. Segundo o jornalista, este hotel possuía aspecto desagradável com “a cozinha a dois passos da porta da rua”, seu ambiente era comparável a uma casa de máquinas de vapores mercantes, o calor seria insuportável. Na cozinha havia dois homens tratando da comida, ambos de roupas sujas.

A presença de espanhóis entre os donos de hotéis ou mesmo cortiços permitem compreender a apropriação da cidade por meio destes imigrantes. Em fevereiro de 1909, no jornal *Folha do Norte*, foi publicado uma queixa quanto ao estado sanitário de Belém. Reclamava-se contra a concessão de licenças para a construção de pardieiros na cidade, particularmente para o cortiço construído na Rua Santo Amaro esquina com a Rua Bom

²⁰ Ocorrências policiais. *Estado do Pará*, 21/07/1917, p. 3.

²¹ LOBATO, Juliano. Idem. p. 25.

²² Ocorrências Policiais. *Estado do Pará*, 02/04/1912, p. 3.

Jardim. “O proprietário do cortiço, um espanhol que se diz credor da intendência, porém, não se conformou com o embargo e tratou de alugar os quartos que já estavam prontos, uns três ou quatro, ficando as armações de seis outros”.²³ O proprietário de tal cortiço era o espanhol Manoel Bouzan Lopez, este insistia na construção alegando que a intendência lhe devia dinheiro e por tanto terminaria a obra mesmo diante das queixas.

Em 21 de agosto de 1916, os espanhóis Eugenio Rodrigues e Serafim André Peres fundaram uma firma comercial sob denominação José André Peres & Cia. Alugaram um prédio localizado na rua Gaspar Vianna em Belém a fim de montarem um hotel. O contrato de sociedade era composto por onze cláusulas. Na sexta cláusula, ficava determinado que o sócio Eugenio Rodrigues se responsabilizava por efetuar as obras necessárias para adequação do prédio às normas de higiene estabelecidas pela intendência de Belém.

Na cláusula n° 5, ficou estabelecido que cada sócio poderia retirar o valor de até cem mil réis mensais para suas despesas particulares, o que indica as expectativas de lucro em relação ao negócio. Eugenio não sabia ler e escrever visto que o contrato foi assinado arrego por Manoel Fernandes. Não foi incomum que parte dos imigrantes espanhóis fossem analfabetos, o que não se tornou um empecilho para que os mesmos se aventurassem no comércio de Belém. A companhia fundada por Eugenio e André possuía o capital de três contos de reis, sendo que cada um contribuiu com metade do valor.²⁴

Tal sociedade não terminaria bem. Ainda em 1916 André Rodrigues entrou na justiça para obter um mandato de despejo contra seu sócio sob a alegação de querer montar um hotel no prédio localizado na rua da Industria n° 48 e 50. Em resposta ao juízo municipal, Eugenio alegou que seu sócio estava tentando por meio de subterfúgios ilegais excluí-lo da sociedade. Por fim, a solicitação de despejo deste processo foi indeferida.

André Rodrigues Peres e seu irmão Serafim Rodrigues Peres foram processados por crime de ferimentos leves em fevereiro de 1916,²⁵ sendo estes condenados a oito meses de prisão em março do mesmo ano. Portanto, a experiências destes imigrantes na cidade de Belém esteve por vezes constituída de conflitos com nacionais e mesmo seus compatriotas.

Pelas ruas da Capital...

Ao traçar a presença de imigrantes espanhóis na cidade de Belém ao longo das duas primeiras décadas do século XX, pude estabelecer, por meio dos registros cíveis de

²³ Cortiços. *Folha do Norte*, 26/02/ 1909. p. 2.

²⁴ Autos Cíveis de Ação de Despejo, 1916; Juízo de Direito da 1° Vara da Capital. APEP.

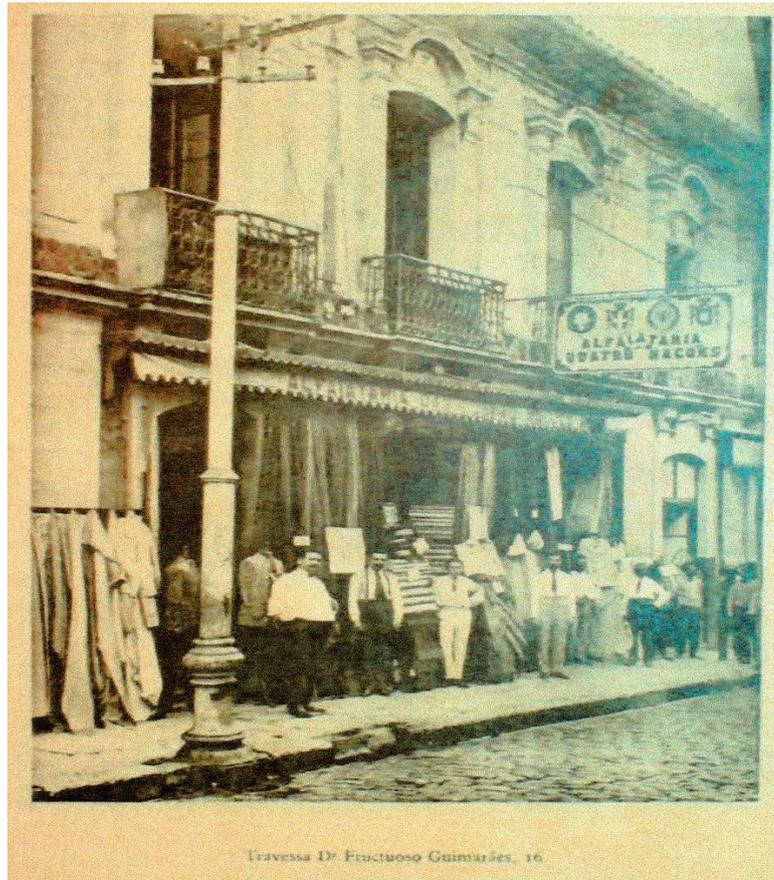
²⁵ Estado do Pará, 09/02/1916, p.2.

casamentos, o local de residência de 684 espanhóis. Segundo Leopold D'ouzeville, em 1916, dos mais de 16 mil espanhóis que aportaram no Pará restavam apenas 3 mil, que em sua maior parte estavam concentrados em Belém.²⁶

Pude traçar linhas gerais da presença destes na capital paraense, de tal modo que foi possível identificar a maior concentração de imigrantes espanhóis em espaços dedicados a atividades comerciais. Entre as 106 ruas mencionadas nos registros cíveis de casamentos ocorreu uma distribuição entre os imigrantes espanhóis em pequenos e médios grupos. Ruas que abrigaram entre 1 a 7 espanhóis corresponderam a 36,01% (215 pessoas), o que poderia implicar na distribuição aleatória destes imigrantes pela cidade de Belém, não tecendo redes de solidariedade marcadas pelo espaço urbano. Contudo, certas ruas da capital paraense concentravam números significativos de espanhóis.

A rua Frutuoso Guimarães abrigou ao menos 40 espanhóis durante as décadas de 1910 e 1920, isto corresponde a 6,7% dos 597 imigrantes levantados nestes registros. O fato destes imigrantes estarem ligados a atividades comerciais os teria levado a residir ao entorno de suas atividades de trabalho. Neste sentido, a presença destes em ruas como Padre Prudêncio, São Matheus, Serzedelo Corrêa entre outras próximas às áreas comerciais de Belém demonstram a maneira como estes sujeitos apropriaram-se dos espaços da cidade. A foto abaixo, da rua Frutuoso Guimaraes, tem como foco a alfaiataria “Quatro Nações” indicando mais que a circulação destes imigrantes na capital paraense, como também o dinamismo econômico e a criação de várias firmas comerciais na capital.

²⁶ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 123.



Fonte: *Indicador Ilustrado do Pará* – 1910, p. 186. Courier & Billiter, Editores; Rio de Janeiro.

Segundo o historiador Ernesto Cruz, no ano de 1905, a cidade de Belém possuía 47 ruas, 52 travessas e 15 estradas, três avenidas e seis praças. Em apenas dois anos, esse número aumentou para 105 ruas e 22 praças.²⁷ É possível vincular este processo de desenvolvimento urbano tanto às políticas implementadas durante o governo do intendente Antônio Lemos, como ao aumento da população e ao ingresso de milhares de imigrantes que ampliavam os espaços da cidade. Ao menos um terço dos espanhóis que aparecem nos registros cíveis de casamentos aqui levantados residiram no perímetro que vai do antigo Bairro da Cidade (atual bairro da Cidade Velha) ao bairro da Campina (atual bairro do Comércio). Abaixo um quadro das ruas e do número de espanhóis respectivamente:

RUAS DE BELÉM E RESIDENTES ESPANHÓIS.

Logradouro	Número de espanhóis	Bairro.	Percentual
1 de Março	08		1,34%
16 de Novembro	08		1,34%
Almirante Tamandaré	15		2,51%
Aristides Lobo	19		3,18%
Bailique	23	Cidade	3,85%
Benjamim Constant	10		1,67%
Campos Salles	12		2,01%

²⁷ Cruz, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. 2ª ed. – Belém: CEJUP, 1992.

Conselheiro Furtado	09	Jurunas/Batista	1,5%
Frutuoso Guimarães	40	Campina	6,7%
Gaspar Vianna/indústria	09	Campina	1,5%
Independência	09		1,5%
Lauro Sodré	36		
Nazaré	09		1,5%
Padre Prudêncio	34		5,69%
Paes de Cavalho	15		2,51%
Piedade	10	Cidade	1,67%
Quintino Bocaiuva	08		1,34%
Riachuelo	14	Campina	2,34%
São Jeronimo	26		4,35%
São Matheus	25	Campina	4,18%
Serzedelo Correia	22		3,68%
Soares Carneiro	10		1,67%
Tiradentes	17		2,84%
outros ²⁸	215		36.01%

Distribuição dos imigrantes espanhóis na cidade de Belém segundo seu logradouro e bairro.²⁹

Quatro ruas de Belém concentravam 20,92% dos espanhóis. Eram as ruas Padre Prudêncio, São Jeronimo, São Matheus e Frutuoso Guimarães. Em contrapartida a categoria “outros” engloba 36% dos imigrantes espanhóis aqui levantados, distribuídos em oitenta e uma ruas, em quantidades que iam de 1 a 7 indivíduos. A concentração em áreas comerciais implicava em formas precárias de morar, de tal modo que estes sujeitos habitavam hotéis, cortiços e por vezes nos porões das casas comerciais em que trabalhavam. Em 1900, sob vigência do Código de Posturas Municipais de Belém, foi imposta a obrigação da construção de casas com porões, estes deveriam ter entre 1,5 a 3 metros de altura.³⁰

Segundo Karol Gillet, as normas estabelecidas pelo código de posturas de Belém pesavam na escolha de moradia dos trabalhadores na virada do Século XIX para o XX:

²⁸ Ruas com ao menos 1 espanhol: 13 de Maio; 3 de Maio; 29 de Agosto; Ângelo Custodio; Arcipreste Manoel Theodoro; Av. da Republica; Baptista Campos; Bernaldo Couto; Bom Jardim; Boa Ventura; Caetano Rufino; Demétrio Ribeiro; Cameté; Cintra; Curuçá; D. Romualdo de seixas; Domingos Marreiros; Dr. Malcher; Fabrica de Cerveja; Largo do Redondo; Monte Alegre; Macapá; Manoel Theodoro; Marco; Marques de Pombal; Mungubas; Praça da Trindade; Pratinha; Praç. Saldanha Mari.; Queluz; Santa Casa da Misericórdia; São Pedro; Tito Franco; Tito Franco; Vigia; Wandenkolkck. --- Ruas dois moradores espanhóis: Praç. Frei Caetano Bra; Praça da República; Praç. Justo Chermont; Rui Barboza; Santarém; Una; 15 de Novembro; Brevo; Carmo; Carlos Gomes; Cesário Alvin; D. Pedro; Gurupá; Índio do Brasil; João Balbi; largo do palácio; Óbidos; liberdade.--- Ruas com 3 moradores espanhóis cada: 14 de Março; Doca; Gentil Bitencourt; João Alfredo; Largo da Trindade; municipalidade; Oliveira Belo; São João; Parinquins; --- Ruas com 4 moradores espanhóis cada: 14 de Abril; Carlos de Carvalho; Dr. Moraes; General Gorjão; Generalíssimo Deodoro; São Brás, Santo Antônio; -- Ruas com cinco moradores espanhóis cada: 9 de Janeiro; Dr. Assis; Manoel Barata; Mundurucus.--- Ruas com seis moradores espanhóis cada: 22 de julho; Ferreira Penna; São Francisco ----- Ruas com sete moradores espanhóis cada: 15 de Agosto; 28 de setembro; Nova de Santana; Tamoios; Triuviratum.

²⁹ Dados extraídos de 294 registros cíveis de casamentos de imigrantes espanhóis, sob resguardo do Arquivo Centro de Memória da Amazônia (CMA).

³⁰ SOARES, Karol Gillet. *As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008. p. 186

Na capital paraense, o trabalhador não tinha muitas opções de moradia, além de casas mais populares. Se optasse em morar no centro, ele seria forçado a morar em casas ditas modernas. Caso não pudesse construir ou comprar este tipo de casa, via-se obrigado a pagar casas de aluguel ou quarto em pensões. Ainda assim, havia também trabalhadores que optavam em morar nos fundos da casa do patrão, ou até mesmo instalar-se nos porões da casa. Com os trabalhadores surgiram novas forma populares de se morar, ajudando a construir novos bairros operários, como Canudos, Reduto e Umarizal.³¹

Entre os espanhóis elencados nos registros de casamentos encontrei o nome de José Ramón Gonzalez, com 29 anos de idade, que possuía o ofício de Jornaleiro, segundo o registro residia na *Fábrica de Cerveja Paraense*.³² O fato de residir em uma fábrica implica pensar que este imigrante não possuiria recursos suficientes para alugar uma morada, mesmo que estivesse empregado na referida Fábrica. Ainda segundo Karol Gillet, no ano de 1908 os “operários” poderiam optar em morar em uma das 2 hospedarias, 14 casas de pensão ou mesmo um dos 52 hotéis de Belém, ainda assim o mais comum seriam as casas de aluguel, que teriam valores entre 30 a 40 mil réis mensais.³³

Em 1909, casaram-se em Belém os espanhóis Antônio Perez, com 24 anos de idade, residente na Rua Padre Prudêncio, e Balbina Blanco, de 22 anos, residente na mesma rua. Encontrei-os novamente em 1911 vítimas de uma ação criminosa. Às 2 horas da madrugada do dia 20 de agosto de 1911, um “gatuno” tentou adentrar o quarto na Rua Macapá esquina com a Padre Prudêncio onde habitava o espanhol Antônio Perez, empregado da *Port Of Pará*. O ladrão encontrou no local apenas a esposa de Antônio Perez, Balbina Blanco que gritou por socorro, levando o gatuno a fugir diante da presença dos vizinhos.³⁴ Um ano depois, parte dos 34 espanhóis que residiam na Rua Padre Prudêncio provavelmente ouviram novamente os gritos de Balbina Blanco. Agora, sendo agredida na casa número 143 da referida rua pelo seu irmão Eládio Blanco Feijo. A agressão que foi parar na delegacia de polícia.³⁵

Em 1912, sob assinatura de Sergio Durval, foi publicado um longo artigo sobre as condições sanitárias de Belém. O articulista enfatizou a necessidade de remodelação material da cidade, particularmente quanto às habitações:

Porém, relativamente á higiene, a necessidade ainda é mais premente, desde que, por exemplo, á rua 15 de Novembro e imediações do mercado ao lado do Boulevard da República, existe uma fileira de estabelecimentos comerciais, todos de um pavimento único, mas que oferecem aos olhos de quem passa na rua o espetáculo interessante de instalações de jiraus coretos,

³¹ Idem, p. 196.

³² Fonte: Centro de Memória da Amazônia (CMA), Cartório Privativo de Casamentos. Sub-série Casamentos. Caixa: Nov/09.

³³ SOARES, Karol Gillet. Já citado.

³⁴ Os ladrões. *Estado do Pará*, 21/08/1911, p. 2.

³⁵ Ocorrências policiais. *Estado do Pará*, 26/03/1912, p. 2.

sótãos e sobrelojas onde não somente empilham até o teto peneiros de farinha e outros gêneros como – o que é horrível – servem de habitação aos empregados e, às vezes ao próprio patrão, com aviados, caixeiros e fâmulos.³⁶

Como o articulista indica, parte das casas comerciais de Belém também serviam de residência aos trabalhadores e patrões. O que os dados levantados permitem indicar é que parte destes imigrantes espanhóis ocuparam espaços centrais da cidade de Belém, indo na contramão do processo de “higienização social” promovido pelas autoridades locais, sob um conjunto de políticas que buscavam modernizar Belém a partir dos modelos europeus de salubridade e “civilização”.

Considerações Finais.

Durante as duas primeiras décadas da instauração da República no Brasil, a cidade de Belém passou por profundas transformações urbanísticas e econômicas. A reboque de tal contexto ocorreu o ingresso de milhares de imigrantes europeus e migrantes do nordeste brasileiro. Entre esses, os espanhóis, que foram cooptados pelas políticas imigrantistas do Governo do Pará a fim de arremeter mão de obra para as Colônias Agrícolas no interior do Estado. Grande parte dos espanhóis permaneceram ou retornaram a Belém e articularam-se à economia local em atividades ligadas ao comércio. Tornaram-se donos de hotéis, corticeiros, carregadores, jardineiros, vendedores, jornalistas, enfim uma miríade de atividades que os fizeram integrar-se a sociedade paraense.

Distribuídos em pequenos e médios grupos pelas ruas de Belém, estabeleceram laços de solidariedade e sociabilidade entre si e com outros imigrantes, particularmente os portugueses. Nesse sentido, é inegável o quanto o imigrante espanhol esteve inserido na sociedade belenense no fim do século XIX e início do XX.

A presença deles na capital revela que nem todos se adaptaram às condições de trabalho nos núcleos coloniais. Houve aqueles que nem chegaram a pôr os pés nos mesmos. Fugindo de uma Espanha em crise e em guerra, os sujeitos que atravessaram o Atlântico em busca de melhores condições de vida foram vistos ora como bons trabalhadores, ora como massa de desqualificados e analfabetos. Adaptando-se às condições climáticas e às endemias da época, foram vítimas da insalubridade de suas condições, trabalhando nos mais diversos serviços pela cidade. Mal remunerados, os espanhóis de Belém comporiam a parcela da população pobre da capital.

³⁶ Esparsas: Belém remodelada. *Estado do Pará*, 23/11/1912, p. 1.

Vale salientar que os dados aqui usados indicam tendências que não devem ser tidos como absolutos, de tal maneira não se deve pensar que todos os imigrantes espanhóis tiveram sua empreitada no Pará como algo negativo. Os jornais nos deram maior visualização do sujeito espanhol relacionado a questões que surgiram a partir da análise dos casamentos civis. Construir a história dos imigrantes na cidade de Belém é revelar a importância dos mesmos, já que muitas vezes esses são tidos como insignificantes para a formação e composição social da cidade. Desse modo, tem-se a demonstração de que a população de espanhóis teve um papel muito importante na Belém da virada de século.

Referencias Bibliográficas.

- BAHAMONDE, Ángel & MARTÍNEZ, Jesús A. **Historia de España. Siglo XIX**. 5 ed. Madrid: Cátedra, 2007.
- BLANCO RODRÍGUES, Juan Andrés. Aspectos del asociacionismo em la emigración española a América. In: **El asociacionismo en la Emigración Española América**. Org. Junta de Castilla y León, Juan Andrés Blanco Rodríguez. Editora UNED – Zamora, 2008.
- CÁNOVAS, Marília. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana (1880 – 1922)**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2009.
- CARPINTERO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne. Francia. A Cidade como história. **Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan/jun. 2009. ED. UFPR.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botiquim: vida cotidiana e controle social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações**. 2ª ed. – Belém: CEJUP, 1992.
- D. LEOPOLDO D’OZOUVILLE DE BARDOU Y CRUZ ALVAREZ. Un Viaje al Brasil: Información acerca de la situación de los emigrados españoles em los Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. Madrid, 1916.
- DIAS, Vanessa Martins. “Inserção as avessas”: a imigração espanhola em Franca – São Paulo (1900- 1955). Anais do XX Encontro Regional de História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP – Franca. 06ª 10 de setembro de 2010. Cd – Rom.
- FIGUEIREDO. Aldrin. **Belém dos Imigrantes: História e Memória**. Belém- Pará. Museu de Arte de Belém, 2004.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169- 178.
- HOBBSBAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição semântico dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.
- LARA, Silvia H. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho No Brasil. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 25-38, 1998.

LOBATO, Juliano. **Notas de um Repórter**: A vida de um repórter; reportagens nos hotéis e padarias de Belém. Typ. F. Flores; Rua Paes de Carvalho, Belém - Pará – 1916.

LOBO, Marcelo. “quanto se dá aqui para o balde?”: as discussões sobre a regulamentação do serviço doméstico em Belém (1888-1889). **Revista História**, Histórias. Brasília, vol. 4, n. 8, 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. **Temporada Tauromachica no Colyseu paraense**: migrantes galegos e praticas culturais em Belém (XIX/XX). Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/download/1221294373_ARQUIVO_TEMPORADATAUROMACHICA-ANPUH.doc. Acessado em: 10/06/2020.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque** (1870-1910). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008. p. 186

VIEIRA, David Durval Jesus. Sensibilidade (in)civilizada: poder público, animais de tração e touradas em Belém (1897-1911). **Revista Espacialidades**. 2014, v. 7, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17692> Acesso em: 12/05/2020.